

LEITURAS DO CORPO EM TRÊS OBRAS DE HELONEIDA STUDART

Juliana Braga Guedes

Universidade Federal do Ceará, guedesbjuliana@gmail.com

Resumo

Em tempos de debates sobre o feminino, Heloneida Studart, brasileira, nordestina, jornalista e romancista da década de 50, precisa retomar o posto nas discussões acadêmicas. Analisamos três obras da escritora: dois estudos - um manifestando o uso dos corpos femininos, na sociedade, ao longo do tempo, desde as sociedades primitivas até hoje, o outro defendendo a figura da prostituta como um corpo que rompe com o patriarcado – e um romance, que narra às atrocidades da ditadura, as respostas e os comportamentos dos corpos torturados por um regime intolerável. Para fundamentarmos a compreensão desse corpo contemporâneo, utilizamos ensaios literários de crítica sociológica, uma tese e uma entrevista sobre a criação literária de Heloneida Studart e alguns conceitos pensados pelo pós-estruturalismo sobre a história da sexualidade e do corpo, como exemplos: a ambivalência dos prazeres sexuais, o papel da Igreja na opressão íntima e social da mulher, a liberdade financeira e sexual femininas, a transformação do corpo em propriedade privada, a construção cultural do corpo de sexo feminino, entre outros. A princípio, percebemos um silenciamento das escritoras brasileiras feministas, que já têm um histórico de luta, nas letras contemporâneas, em contrapartida à visão comercial de feministas americanas radicais. Heloneida não era a favor da queima de sutiãs, mas foi uma deputada importante no cenário político brasileiro e batalhou em prol de melhorias das condições da mulher na sociedade. O corpo na escrita literária e ensaística de Heloneida nos apresenta um conflito ainda regido em pleno século XXI: o do controle.

Palavras-chave:

Corpo feminino, Contemporâneo, Opressão, Sexualidade.

1. Introdução

Heloneida Studart começou a enveredar pela militância política quando trabalhou em uma biblioteca ambulante, na cidade do Rio de Janeiro. Este projeto era do “SESI” (Serviço Social da Indústria) e, por isso, a escritora passou a ter mais contato com a realidade dos operários e de suas respectivas famílias. Assim que a ditadura se instalou no Brasil, a biblioteca foi dissolvida.

Na iminência do golpe de 64, Helô, apelido carinhoso dado à jornalista, fundou, juntamente com José Cândido, militante do Partido Comunista, um sindicato, que contemplava as camadas médias. Como não tinham, inicialmente, uma repercussão popular, a ditadura não se sentia ameaçada por estes membros sindicalistas e atacavam com truculência apenas entidades maiores como, por exemplo: o Sindicato dos Bancários, o Sindicato dos Têxteis, etc.

Na obra “Mulher, objeto de cama e mesa” de 1974, considerada a bíblia feminista brasileira, é abordada, com muita veemência, a necessidade do vínculo das mulheres trabalhadoras em sindicatos. O primeiro caminho, para a mulher romper com o patriarcado, o machismo e a opressão social, está em conseguir um trabalho remunerado. Este escrito-manifesto, feito de colagens de propagandas, notícias e imagens desenhadas, tem o objetivo de alertar as mulheres sobre suas próprias condições na sociedade. As principais disposições refletem sobre o casamento, a maternidade e o corpo feminino.

Ainda se propaga a ideia de que casar é estar empregada, de que ao ter filhos, a mulher não tem mais vida própria, pois o foco seria viver para as crianças e que a sexualidade feminina estaria apenas em descobrir como segurar o homem dos seus sonhos na cama. No entanto, a escritora defende que a dona de casa não é remunerada, os trabalhos domésticos são inúteis, pois não são linhas produtivas. Com isso, para Heloneida Studart (1974, p.13), estas mulheres “compõem uma multidão de cérebros desperdiçados”, alienando as suas capacidades de produção, enquanto o homem enfrenta o mundo, todo o dia, estando em constante contato com múltiplas possibilidades de trocas sociais e descobrindo, por exemplo, que um asteroide extrassolar orbita o Sol há 4,5 bilhões de anos¹. Que tal, exercitamos esta parte muito importante do corpo, o cérebro?

Muitas mães do senso comum costumam se esconder por trás da maternidade, para evitarem o enfretamento com o mundo e se acomodarem nas costas da única força de trabalho de sustentação

¹ Informação retirada do boletim da Agência FAPESP em 22 de maio de 2018.

desta “casa-modelo”, que é o marido. Além do mais, constantemente, mães utilizam frases paradigmáticas, como esta: “tenho que cuidar dos meus filhos”, refletindo uma desculpa extremamente negativa para o desenvolvimento das crianças. E se este filho for uma menina, então, o problema da condição feminina se inicia aos cinco anos. Esta questão é expressiva, na obra “A Mulher, Brinquedo do Homem”² de 1969, pois Studart aponta que enquanto as meninas ficam dentro de casa, presas, ouvindo as contrariedades da cozinha, entre funcionárias do lar e suas mães, os meninos estão na rua, trazendo sapatos sujos e roupas amassadas, porque as garotas precisam estar impecáveis em seus laços e vestidos limpos, ou seja, o corpo sob o controle das vestimentas. Além do mais, nesta perspectiva padronizada, o corpo da mãe é sagrado e imaculado, servindo, exclusivamente, para a proteção da prole. Inclusive, ainda neste estudo de 1969, a escritora transforma a figura da prostituta em uma mulher que teve coragem de romper com a repressão patriarcalista, porque buscou a independência financeira e a voz política através do corpo.

Em relação ao corpo, a mulher precisa satisfazer sexualmente sempre o marido, mas nunca é pensada nas suas próprias formas de prazer. Quando Heloneida era redatora da revista Manchete e assinava uma coluna feminina², as pautas circulavam sempre em torno de como conquistar o homem dos seus sonhos ou como manter o sexo no casamento. As únicas preocupações femininas, na imprensa, eram as relações íntimas? Onde estavam as questões para melhores condições de vida destas mulheres? Onde as pesquisadoras assinavam suas descobertas científicas? Quais cargos, antes vistos como masculinos, foram assumidos por pessoas do sexo feminino?. Não obstante, a escritora, nas obras citadas, problematiza, também, a utilização e a exposição do corpo da mulher na venda de produtos comerciais, como por exemplo, amortecedores de veículos.

No romance “O Estandarte da Agonia” de 1981, obra pertencente à chamada “trilogia da tortura”, temos uma mãe desesperada em busca de seu filho, militante político, desaparecido. Uma narrativa ficcional, mas baseada tanto na história pessoal da estilista brasileira Zuzu Angel³, amiga de Heloneida, como, também, apresenta alguns acontecimentos verídicos de sua própria prisão,

² A escritora cearense começou a escrever em jornais aos 16 anos. Embora Heloneida Studart afirme que tenha voltado a trabalhar como jornalista, nos anos 1970, em trecho retirado da obra “Mulher, objeto de cama e mesa” (p. 8-9), fizemos esta inferência de que ela estaria empregada, nesta época, na revista Manchete, porque, em depoimento cedido ao Núcleo de Memória Política Carioca Fluminense, ela fala que após a sua prisão, depois de um ano muito difícil de portas fechadas, por estar “queimada” como ex-presa política, foi convidada a trabalhar de 1970 a 1978 na redação da Revista Manchete.

³ Zuzu Angel ficou conhecida, tanto no Brasil, como nos Estados Unidos, não apenas pelo seu trabalho artístico na área da moda, mas por procurar o seu filho desaparecido, Stuart Angel Jones. Ele era militante político, foi preso pela ditadura militar brasileira e torturado até a morte, na base aérea do Galeão, no Rio de Janeiro. Alex Polari de Alverga, outro preso político, testemunhou a tortura de Stuart e a sua morte por asfixia, com a boca presa ao cano de descarga de um jipe, e relatou o fato a Zuzu em uma carta.

pois, na época, a escritora cearense era presidente do sindicato (“Senalba”⁴), que tinha ganhado uma grande repercussão em relação aos anos de sua fundação, e foi levada à cadeia pelo AI-5. Um corpo torturado carrega marcas para toda uma vida. Um corpo que escuta outro sendo torturado, transpassa os ouvidos, em agonia, por esta expiação nefasta, estraçalhados por um regime autoritário, cruel e desumano.

Este estudo do corpo, em três obras da escritora brasileira Heloneida Studart, se justifica, principalmente, por seu silenciamento nas letras contemporâneas. Como é possível esquecermos nas prateleiras das bibliotecas uma escrita de empoderamento feminino nacional tão pontual e crítica?. No “BDTD” (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) encontramos, apenas, uma única tese de doutorado, pertencente à área de história, sobre a escritora. Em pleno século XXI, percebemos ainda a manutenção de determinados padrões, extremamente danosos para a emancipação da mulher na sociedade brasileira.

Nosso recorte de estudo, das obras de Heloneida Studart, quis tratar de publicações realizadas em três décadas seguidas, 60, 70 e 80, com o objetivo de entendermos as relações do corpo, propostas pela autora, numa perspectiva crítica-literária.

2. Metodologia

Aparentemente, cronológico, o método utilizado, para escolher os livros da escritora, foi o comparativista, feito a partir das obras dela mesma, mas contemplando gêneros diferentes: o primeiro é um estudo que ela mesma fez de cunho histórico-social, o segundo é um trabalho, mais de denúncia e fortemente feminista, com uma assinatura de manifesto, e, por último, o terceiro, é um romance, seguindo as categorias narrativas, conhecidas pela teoria da literatura, como por exemplo: as personagens - estas serão o nosso foco de análise.

Não obstante, além de relacionarmos as obras de Studart, em si, a partir do tema central deste trabalho, o corpo feminino, conduzimos o método comparativo, através do pensamento de Michel Foucault, filósofo contemporâneo, correlacionando nosso estudo com o assunto da sexualidade.

Além disso, sob uma perspectiva política e crítica da realidade da mulher na sociedade, traremos uma ótica sociológica, das relações de gênero, dos textos em estudo, por intermédio de uma tese de doutorado sobre o entrecruzamento do feminino ao feminista em Heloneida Studart e

⁴ Sindicato dos Empregados em Entidades Culturais, Recreativas, de Assistência Social de Orientação e Formação Profissional do Município do Rio de Janeiro.

de duas coletâneas de ensaios sobre o corpo e a mulher. Os aspectos sociais serão tratados pelas condições materiais da mulher, implicando na sua opressão e controle.

3. Resultados

Nosso estudo foi apresentado, na disciplina intitulada Literatura Cearense, em formato de seminário. Durante o debate, percebemos que a maioria dos estudantes de pós-graduação, em Letras, não conheciam as obras de Heloneida Studart e sequer sabiam de sua verve literária, política e feminista.

As três obras, aqui analisadas, foram palco dessas discussões. Algumas mulheres opinaram contra a ideia de que a prostituição seria sinônimo de liberdade financeira, mas sim, mais uma forma de opressão da mulher, ou seja, do abuso de seu próprio corpo. Em parte, concordamos com este ponto de vista. No entanto, somos partidários da visão da autora que vai tratar deste tema com muita delicadeza e elegância. Dessa forma, expomos aos colegas, que a figura da prostituta foi essencial para fazer um paralelo com a mulher destronada pelo patriarcado, culminando em nossa desvalorização e perpetuação desta superioridade masculina até os dias atuais.

Com a dissolução dos clãs primitivos, a mulher perdeu a sua capacidade autônoma de trabalho e de governança das comunidades. Agora os filhos pertenciam à família do marido e o pai escolhia o marido da própria filha. As mulheres romanas eram mais escravizadas que as gregas. Em Roma, a capacidade civil da mulher foi removida e, dessa maneira, ela não poderia exercer nenhuma espécie de poder político. Com isso, a prostituição foi o caminho de libertação como esposa, filha, irmã, mas não como cidadã, podendo empregar seu grito de soltura através da dissolução da moral. Por isso, Roma ficou tão conhecida por suas devassidões, através dessa falsa emancipação da mulher. Durante a Idade Média, a mulher ainda segue exclusiva aos desmandos do pai e do marido.

Mesmo com revolução sexual dos anos 60, a mulher brasileira continua sem dominar sua sexualidade e desconhece o próprio corpo. Sem falar no mito da dependência da mulher. Ela banaliza o seu corpo, “coisificando-o” para os prazeres masculinos, em busca de uma estabilidade financeira. Heloneida afirma que esta prática também é uma forma de prostituição. Isso se explica pela constituição autoritária da família e hipócrita ao criar laços de interesse e não de amor.

Para manter a severa moral patriarcal de manter as meninas castas em seus lares é necessária a figura da prostituta, marginalizando esta mulher, que serve à sexualidade nunca reprimida do homem. Assim, as prostitutas são os mártires sacrificados no altar da integridade da família.

Quando o termo “grelo duro” se popularizou, pois foi utilizado em uma fala do ex-presidente Lula, a sociedade ficou muito chocada, as mulheres consideravam vulgar e rude. No entanto, se pararmos para pensar, ter grelo duro é algo relaxante, mostrando-nos que sentimos nossa sexualidade ativada e que somos donas de nosso próprio corpo. A partir desta explanação, a maioria dos ouvintes concordou com esta manifestação sexual do corpo feminino e entendeu melhor a posição da escritora ao tratar sobre o tema da prostituição.

4. Discussão

Neste estudo, discutimos alguns pontos de convergência sobre a sexualidade da mulher, com suporte na visão pós-estruturalista de Michel Foucault. São eles: a ambivalência dos prazeres sexuais, o papel da Igreja na opressão íntima e social da mulher, a transformação do corpo em propriedade privada e a construção cultural do corpo de sexo feminino. Estes assuntos são constantemente trabalhados na obra social e literária de Heloneida Studart.

O filósofo francês traz um estudo das relações de gênero, mediante a prática matrimonial da sociedade ocidental. Na civilização helenística e romana, o casamento era feito no âmbito privado, sem intervenções dos poderes públicos. A evolução, por incrível que pareça, teve início nas cerimônias religiosas, intermediando assim o ato privado e a instituição pública. Em convergência a esta constatação, a romancista cearense aponta a influência do cristianismo num outro patamar. É através do Evangelho que a mulher volta a ser dignificada, assim como os humilhados e os pobres. São as primeiras a se converter ao lado dos escravos. O Mestre Jesus prometeu durante o seu sacrifício na estaca da subversão que os oprimidos seriam exaltados. No entanto, percebemos que a situação da mulher só piorou no desenvolvimento da história religiosa. Tertuliano de Cartago, por exemplo, cristão da Igreja primitiva, antirromano e escritor, culpava a mulher por ter sido a responsável pela morte do filho de Deus e que devia andar sempre de luto e em molambos. O próprio São Paulo, como hebreu, difundia o mesmo preconceito dos judeus de que a mulher foi tirada do homem e não o contrário. O fundamentalismo religioso das igrejas evangélicas, do século XXI, se foca muito na subserviência da mulher, outras chegam ao absurdo de louvar a virgindade de meninas em plena puberdade, como se isso fosse um bem maior ou um objeto de garantia de conquista de um bom partido. Ainda sim, em vertentes do catolicismo atual, há uma alienação do corpo da mulher, são contra o aborto e há projetos de abstinência para casais. Então, perguntamos: como um sacerdote, que fez voto de castidade, pode dar conselhos sobre a sexualidade de um casal?

Foucault continua a sua pesquisa sobre a história da sexualidade e busca referências em vários estudiosos do assunto. Em documentos do fim do século IV e III a.C., os engajamentos da mulher implicavam a obediência ao marido, o bloqueio de sair, de noite ou de dia, sem sua permissão, a exclusão total de qualquer relação sexual com outro homem e a obrigação de não destruir a casa. Em contrapartida, o homem devia manter a sua mulher, não instalar nenhuma concubina em casa, não ter filhos de outras relações sexuais e não maltratar a sua mulher. Este contrato de casamento não visava o respeito em nome da família, mas da estabilidade e regulação interna do casal. Heloneida Studart revela que a industrialização fortaleceu ainda mais a longa servidão desempenhada pela mulher, refletindo na maior exploração do trabalho feminino, pois com o hábito da submissão, nos faltava uma tradição de luta.

A medicina, na visão dos filósofos gregos, principalmente em ideias retiradas de Plutarco e Galeno, de acordo com o nosso pensador contemporâneo Michel Foucault, tinha como proposta para a saúde sexual, regimes de controle das relações íntimas, na qual o homem deveria controlar a quantidade de esperma expelido, através da redução da quantidade de vezes do ato sexual, pois esta atividade, em excesso, proporcionaria fadiga, insônia e distúrbios de atenção, além disso, ressalta os problemas da mulher em receber o esperma do homem dentro de sua vagina. Já Studart se orienta pela ruptura dos valores antigos e pela explosão sexual da mulher, mediante a descoberta da pílula anticoncepcional. Mesmo assim, ela calcula que a maioria das mulheres, cerca de 70%, satisfaria os caprichos amorosos de seus maridos. O que importa o desejo e orgasmo feminino? Se há mais revistas, jornais e livros chamados de “femininos” que afirmam que a mulher deve agradar o seu marido para manter o casamento e jamais negar sexo quando seu cônjuge procurá-la.

Em “A mulher, brinquedo do homem?”, a romancista nos explica como o corpo feminino se transformou em propriedade privada do homem. Para ela, tudo isso começou com a feitura das ferramentas e das primeiras cabras cuidadas em cativeiro. Início da era de Bronze, o homem se fortalecia com a fabricação de armas, vencendo outras tribos e transformando os vencidos em seus escravos. A escravização veio substituir o trabalho das mulheres na agricultura. Perdendo valor de mão-de-obra, a mulher se incorporou ao clã do marido, que instituiu a propriedade privada do solo. A mulher, fragilizada de sua posição, deixa de ser alguém atuante nos meios de produção e passa a pertencer a outrem. A concepção de superioridade masculina é adotada como lei, no regime patriarcal.

Na escrita de seu manual feminista, “Mulher objeto de cama e mesa”, a autora fortifica a ideia de que através do trabalho a mulher consegue ter mais propriedade de si mesma. As proletárias

afastadas de sua consciência de classe, por exemplo, almejam a vida de uma pequena-burguesa. Sendo que este tipo de mulher se preocupa apenas com o salão de beleza, em mandar na funcionária doméstica ou em cuidar de seu filho, abafando-o em lar isolacionista. Por isso, a literatura está repleta de casos de mães que neurotizam seus filhos até a insânia.

A libertação do corpo feminino, na visão de Heloneida Studart, não significa uma subtração da moral, mas, sim, o direito de resguardá-lo ou de não exibi-lo. Sabemos que a mulher feia ou linda, não importa, é vista como um objeto sexual. A primeira feminista a declarar esta pauta, em público, foi a americana Betty Friedan. Todos a injuriaram, chamando-a de frustrada e feia. Ela não era bonita, mas Freud, também não era e todos ouvem as ideias do psicanalista. Heloneida nos mostra que o corpo da mulher serve até para vender amortecedor de carro, enquanto que a feia não teria lugar no mercado. O homem envelhece com dignidade, mas a mulher chega a esta faixa etária cheia de terror e insegurança. Desde a infância, a menina escuta que a sua aparência depende de tudo e quando rica, corre ao cirurgião plástico.

Na obra “O Estandarte da Agonia”, Heloneida nos apresenta corpos torturados pela ditadura militar brasileira. A personagem Alice Melo, era namorada de Bruno, este militante contra o regime autoritário. Alice não participava das decisões políticas do grupo ativista, apenas emprestava a sua casa para as reuniões, no entanto, foi presa. Vários homens chutaram a porta de seu apartamento e saíram quebrando tudo. Pela cor das camisas, eles eram militares. A garota recebeu vários choques elétricos e entregava aos interrogadores o conteúdo de suas vísceras: urina, fezes, sangue e lágrimas. No livro “A tortura como arma de guerra”, de Leneide Duarte-Plon, é explorado as técnicas dos militares franceses exportadas aos esquadrões da morte e ao terrorismo de Estado. Esta doutrina francesa foi utilizada no Brasil e, de acordo, com o general Ernesto Geisel: “a tortura em certos casos é necessária para obter confissões” (p. 23). No filme Zuzu Angel, a namorada de seu filho desaparecido pela ditadura, foi tortura até a morte e teve os seios arrancados. Voltando ao romance, temos Militão, um policial perverso, conhecido por seus procedimentos cruéis de tortura e vangloriado pelo regime autoritário. Uma de suas ferramentas, descritas no texto, foi arrancar os mamilos de uma mulher com uma tesoura de cortar unhas. Em outra ocasião, fez um torniquete no crânio de outra mulher, chamada Esperança e quando percebeu, um dos olhos dela tinha saltado da órbita e a arcada dentária estalado, surgindo alguns dentes na língua enegrecida, “os ossos da cabeça quebravam com som seco de madeira” (p. 105). Quando torturou Alice, levou-a até o “ratão”, cela do presídio feminino, isolada e cheia de ratos. Nesta cena, Militão diz para a torturada

repetir cem vezes a seguinte frase: “- Sou uma puta” (p. 136), enquanto isso, ele chutava a barriga dela com o bico de seu sapato.

Açucena, narradora-protagonista da história, sofre censuras da sociedade. O seu filho Luís desaparece e ela descobre que ele está envolvido em um movimento de ativismo político contra os militares. O vizinho e médico, Argemiro, pergunta se ela não usa sutiã, pois já tinha idade para isso. Açucena se sente ofendida e não entende o porquê de uma mãe desesperada ter que se preocupar com os próprios seios. Ela queria andar nua, se fosse o caso, sem que ninguém notasse a beleza de seu corpo, mas que olhassem para ela com respeito à sua dor.

5. Conclusões

Heloneida Studart trata de temas que fazem as próprias mulheres torcerem o nariz. Poucas vozes, vindas das ouvintes de nosso estudo, entraram no debate em relação às condições da mulher e de seu corpo na sociedade brasileira. Muitas preferiram se calar e outras tantas saíram da sala de discussão. A minoria resistente, poucas estudantes de Letras, outras do Serviço Social é que manifestaram de forma crítica e reflexiva, no tocante à prostituição, para muitas, um assunto polêmico, outras nuances, como por exemplo: os privilégios adquiridos a partir do seu lugar de fala, as subjetividades e as pluralidades do feminismo, o aborto, as identidades fixas e o devir-mulher.

Nós pesquisadoras apenas podemos representar o que determinadas subjetividades passam no seu cotidiano. Dessa forma, se você acredita que a figura da prostituta é um ser humano que tem o seu corpo abusado e explorado, é necessário, antes de tudo, uma pesquisa de campo e de coleta dessa afirmação com este grupo social. É importante lembrar que o lugar de fala da investigadora, diverge do protagonismo da prostituta. Você faz apenas uma ideia do que é a vida desta figura através de seus estudos e materiais recolhidos, mas quem pode falar pela prostituta é só ela mesma.

Referências

ARANTES, José Tadeu. **Asteroide extrassolar orbita o Sol há 4,5 bilhões de anos**. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/asteroide_extrassolar_orbita_o_sol_ha_45_bilhoes_de_anos/27851/>. Acesso em 21 mai. 2018.

AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura Cearense**. Fortaleza: Fundação da Academia Cearense de Letras, 1976.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 3**: o cuidado de si. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GREINER, Christine; AMORIM, Claudia. (Org.). **Leituras do corpo**. São Paulo: Annablume, 2003.

OSWALD, Barroso; BARBALHO, Alexandre. (Org.). **Letras ao Sol**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1998.

PLON, Leneide Duarte-. **A tortura como arma de guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

ROMERO, Elaine. (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papius, 1995.

SOUZA, Ioneide Maria Piffano Brion de. **De feminino a feminista**: a transformação na escrita literária dos romances de Heloneida Studart. 2014. 169 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2014.

STUDART, Heloneida. **A Mulher, Brinquedo do Homem?**. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

_____. **Mulher objeto de cama e mesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

_____. **O Estandarte da Agonia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. Heloneida Stuart (depoimento 1999). **Núcleo de Memória Política Carioca e Fluminense**, Rio de Janeiro, out. 1999. Entrevista concedida a Américo Oscar Freire e Marieta de Moraes Ferreira.

ZUZU Angel. Direção: Sérgio Rezende. Roteiro: Marcos Bernstein. Rio de Janeiro: Warner Bros. Pictures, Globo Filmes, Toscana Audiovisual, 2006. 1 DVD (100 min).